

Mulheres nas ciências do mar: reflexões sobre os desafios à pesquisa transdisciplinar

Nicole Russo Guerrato, Adriana Lippi, Leandra Regina Gonçalves

Introdução

Cientistas mulheres que atuam em campos transdisciplinares frequentemente enfrentam desafios decorrentes da desigualdade de gênero, os quais podem impactar suas trajetórias profissionais e a progressão na carreira científica. Esses desafios são ampliados em uma sociedade patriarcal, que historicamente busca legitimar e naturalizar a existência de um sistema de superioridade masculina.

A questão de gênero tem ganhado visibilidade crescente nas últimas décadas. Nesse contexto, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas (ONU), incluem o Objetivo 5 – Igualdade de Gênero, que estabelece como meta alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas (ONU BRASIL, 2021).

Este capítulo tem por objetivo apresentar reflexões sobre os desafios da pesquisa transdisciplinar no que se refere à questão de gênero, bem como analisar as barreiras que dificultam a realização da pesquisa científica em campo. O compartilhamento dessas reflexões busca contribuir para o enfrentamento do viés de gênero presente na ciência, um fenômeno profundamente enraizado e que se perpetua ao longo do tempo.

É questão de gênero?

De acordo com Piscitelli (2009, p. 132), “o patriarcado é um sistema social em que a diferença sexual é utilizada como base para oprimir e subjugar as mulheres em relação aos homens [...]; já o poder patriarcal refere-se à capacidade masculina de controlar o corpo das mulheres, seja para fins reprodutivos ou sexuais”. Nesse mesmo contexto, Birolo (2018) esclarece que o patriarcado constitui um complexo heterogêneo, porém estruturado, de padrões que se manifestam de forma concreta nas instituições e nas relações cotidianas, resultando em desvantagens sistemáticas para as mulheres, muitas vezes naturalizadas e pouco visibilizadas pelas próprias sujeitas que as vivenciam.

Para compreender melhor as barreiras e desigualdades enfrentadas pelas mulheres no mundo do trabalho, Horwitz (1987) introduziu o conceito de “labirinto de cristal”, como uma metáfora para descrever os obstáculos invisíveis e difusos que limitam o avanço das mulheres em suas carreiras profissionais, especialmente em cargos de liderança e posições de destaque. Desde então, o termo tem sido amplamente utilizado para caracterizar os desafios enfrentados pelas mulheres em diversas áreas, incluindo o campo científico.

Barbercheck (2001) aprofunda esse debate ao mobilizar o conceito do labirinto de cristal a partir de dois modelos explicativos: o modelo do déficit e o modelo da diferença. Esses modelos buscam compreender por que as mulheres estão sub-representadas na ciência e, em geral, apresentam menor reconhecimento e progressão em suas carreiras quando comparadas aos homens. O modelo do déficit refere-se às barreiras estruturais, como fatores sociais, legais e políticos, historicamente presentes no sistema científico, as quais se articulam a uma organização social que impõe às mulheres a maternidade compulsória, em contraste com uma carreira científica marcada por exigências de dedicação integral, disponibilidade contínua e mobilidade. Como resultado, mesmo quando possuem metas e objetivos semelhantes aos dos homens, as mulheres se veem em desvantagem para alcançá-los, devido a condicionantes estruturais.

Por sua vez, o modelo da diferença baseia-se na ideia de que haveria distinções nos interesses, objetivos e escolhas profissionais

entre mulheres e homens, atribuindo ao gênero parte significativa dos obstáculos enfrentados pelas mulheres na prática científica. Essa percepção é reforçada pela predominância masculina nas ciências, o que exclui ou dificulta a participação das mulheres nesse campo (KOVALESKI et al., 2013).

Desafios para as mulheres nas ciências do mar

No campo da ciência, as mulheres se deparam com obstáculos significativos, como a sub-representação em áreas específicas e em cargos de liderança, além da persistente presença do sexismo na construção do conhecimento científico. As mulheres enfrentam desafios e situações de assédio ao trabalhar em campo, especialmente em comunidades conservadoras com uma cultura patriarcal. A luta por representatividade, protagonismo e reconhecimento na ciência é constante, sendo fundamental reconhecer que as barreiras enfrentadas pelas mulheres são desiguais quando comparadas às vivenciadas por homens cisgêneros, já nas etapas iniciais da execução de uma pesquisa em campo. Trata-se de um tema ainda sub-representado na literatura, e muitas mulheres sequer reportam as agressões sofridas (HIRIGOYEN, 2006).

Cabe ressaltar que esses problemas recaem de forma desproporcional sobre indivíduos de origens historicamente marginalizadas, como pessoas LGBTQIAPN+, pessoas negras e integrantes de comunidades socialmente vulneráveis. Essa interseccionalidade adiciona estressores cumulativos, resultantes do cruzamento de múltiplas identidades sociais (PURDIE-VAUGHNS; EIBACH, 2008). A Organização Internacional do Trabalho reconhece que a violência e o assédio afetam majoritariamente as mulheres, em função das desigualdades de gênero e de poder que as mantêm em posições de subordinação em relação aos homens (OIT, 2019).

Um ambiente de trabalho saudável e seguro deve ser inclusivo e livre de assédio (MPT, 2017). É importante destacar que o assédio sexual não se limita a investidas explícitas, convites constrangedores, toques invasivos ou abuso físico. Ele também se manifesta por meio de práticas mais sutis, como exclusões institucionais (desconsideração

em promoções e colaborações), hostilidade (uso de termos pejorativos ou apelidos vulgares), coerções (pressões desiguais e questionamentos sobre escolhas pessoais), infantilização (comentários sobre aparência, voz ou comportamento) e invisibilização, quando mulheres são desacreditadas ou descredibilizadas em conferências e eventos científicos.

Na academia de modo geral, 58% das mulheres relatam ter sofrido assédio sexual no ambiente de trabalho (JOHNSON et al., 2018). Nas ciências do mar, esses índices são ainda mais elevados, chegando a 78% (WOMEN IN OCEAN SCIENCE, 2021). O assédio ocorre com maior frequência no início da carreira científica ou durante a pós-graduação. Além disso, em disciplinas que demandam pesquisas de campo, são recorrentes relatos de culturas institucionais dominadas por homens, que acabam por tolerar ou silenciar situações de assédio e violência sexual (CLANCY et al., 2014).

No contexto das ciências do mar, os desafios se tornam ainda mais complexos diante da obrigatoriedade de cumprimento de horas embarcadas em navios e embarcações de pesquisa. Em 2020, uma campanha conduzida por Marcolin e colaboradoras, no website *Bate-papo com Netuno*, buscou dimensionar o assédio sofrido por mulheres durante embarques científicos. Das 117 respostas obtidas, 78 mulheres (67%) relataram ter sido assediadas enquanto estavam embarcadas, e 71% afirmaram conhecer pelo menos uma mulher que já havia passado por situação semelhante. Em 99% dos casos, o agressor era um homem. Ressalta-se que esse assédio não se restringe a aspectos verbais ou sexuais, estando também associado à descredibilização da capacidade intelectual, da capacidade física e à dificuldade de exercer posições de liderança (MARCOLIN et al., 2020).

As mulheres são frequentemente percebidas como um “elo frágil” e, por isso, sentem-se compelidas a se esforçar em dobro para comprovar sua competência. Soma-se a isso a pressão constante para manter uma postura considerada adequada em campo, a fim de evitar interpretações equivocadas e demonstrar seriedade e comprometimento com a pesquisa. Tal cenário evidencia o quão desafiador é ser mulher em ambientes marcados pelo machismo, preocupação que não recai sobre homens cisgêneros com a mesma intensidade (SCHIFFMAN et al., 2022).

No caso das mulheres que desenvolvem pesquisas participativas e/ou transdisciplinares, que dependem fortemente da cooperação do público-alvo, há uma pressão adicional para equilibrar o profissionalismo com expectativas de simpatia, cordialidade e disponibilidade emocional. Essas expectativas, muitas vezes não explicitadas, são sutilmente impostas com o intuito de criar um ambiente considerado mais amigável e garantir a confiança do público-alvo, assegurando a continuidade de iniciativas de ciência cidadã ou de colaboração com outros atores sociais. Embora cuidados com a postura e a forma de se relacionar sejam frequentemente adotados como estratégia de auto-proteção, em um cenário ideal tais cuidados não deveriam ser necessários. O foco deveria estar na educação e responsabilização dos homens para que não assediem, independentemente do contexto.

Diversos fatores contribuem para o aumento da probabilidade de assédio sexual contra mulheres nas ciências, entre eles: ambientes de trabalho dominados por homens, concentração de poder nas mãos de quem decide sobre financiamentos e direções de pesquisa, ausência de lideranças capacitadas para lidar com denúncias de assédio e falta de políticas institucionais eficazes de prevenção e enfrentamento (NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING AND MEDICINE, 2018).

Diante das múltiplas dificuldades enfrentadas pelas mulheres no trabalho de campo, torna-se fundamental dar visibilidade às suas trajetórias nas ciências. Como destaca Lima (2013), a divulgação de relatos e histórias de mulheres cientistas permite evidenciar os desafios impostos pelas barreiras estruturais da sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que inspira novas gerações a partir de exemplos de êxito na trajetória acadêmica. Reconhecer a realidade vivenciada pelas mulheres nos espaços científicos constitui um passo essencial para enfrentar as barreiras culturais que as tornam invisíveis, especialmente no campo das ciências do mar.

Até 1962, mulheres eram impedidas de embarcar em navios de pesquisa no Woods Hole Oceanographic Institution (WHOI). Foi somente seis anos depois que a pesquisadora Roberta Eike conseguiu entrar clandestinamente para realizar suas coletas, enfrentando agressões de seu orientador como consequência (FREIBURGER, 2020).

Esse evento marcante desencadeou mudanças significativas: a partir de 1962, o WHOI passou a permitir a participação das mulheres em suas expedições, um marco crucial para a igualdade de gênero na instituição. No Instituto de Oceanografia Scripps, um levantamento recente mostrou que as pesquisadoras têm metade do espaço de laboratório se comparado com seus pares homens (AARONS et al., 2023). Os desafios impostos a cientistas mulheres podem variar de acordo com a área de atuação, assim como com a cultura e o país, mas podemos resumir aqueles que impactam a atuação das mulheres nas ciências do mar em algumas categorias principais (Figura 1).

Até 1962, mulheres eram impedidas de embarcar em navios de pesquisa do Woods Hole Oceanographic Institution (WHOI). A pesquisadora Roberta Eike conseguiu ingressar clandestinamente em uma expedição para realizar suas coletas, enfrentando agressões de seu orientador como consequência (FREIBURGER, 2020). Esse episódio contribuiu para mudanças institucionais e, a partir de 1962, o WHOI passou a permitir oficialmente a participação de mulheres em suas expedições, configurando um marco na luta por igualdade de gênero. No Instituto de Oceanografia Scripps, levantamento recente indica que pesquisadoras dispõem de apenas metade do espaço de laboratório quando comparadas a seus pares homens (AARONS et al., 2023). Embora os desafios enfrentados por cientistas mulheres variem conforme a área de atuação, o contexto cultural e o país, é possível sintetizar aqueles que impactam a atuação das mulheres nas ciências do mar em algumas categorias principais (Figura 1).

É essencial reconhecer e enfrentar esses desafios para garantir a segurança, o bem-estar e a participação equitativa das cientistas mulheres nos trabalhos de campo. Organizações, instituições e equipes de pesquisa desempenham um papel central nesse processo, podendo implementar medidas concretas para mitigar tais ameaças, como a oferta de treinamentos abrangentes em segurança, o estabelecimento de mecanismos claros, acessíveis e confiáveis de denúncia de assédio, a promoção de ambientes de trabalho de campo inclusivos e respeitosos e o desenvolvimento de políticas institucionais que apoiem o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal.

DESAFIOS IDENTIFICADOS

MULHERES NAS CIÊNCIAS DO MAR

VIÉS DE GÊNERO E ESTEREÓTIPOS

As cientistas mulheres podem enfrentar viés de gênero e estereótipos que podem prejudicar sua credibilidade e reconhecimento em trabalhos transdisciplinares. Esse viés pode se manifestar de várias maneiras, como suposições sobre as habilidades técnicas das mulheres, habilidades de liderança ou adequação para trabalhos de campo fisicamente exigentes (HELMER et al., 2017).



REPRESENTAÇÃO LIMITADA E MODELOS FEMININOS

A sub-representação das mulheres em campos transdisciplinares pode resultar na falta de modelos e mentores femininos visíveis. Essa ausência de representação pode tornar mais difícil para as mulheres visualizarem trajetórias de carreira bem-sucedidas e encontrar redes de apoio dentro de sua área (AGOGINO, 2007).



EQUILÍBRIO ENTRE TRABALHO E OBRIGAÇÕES FAMILIARES

Conciliar as demandas do trabalho de campo com os compromissos pessoais pode ser desafiador para as cientistas mulheres. O trabalho de campo frequentemente requer períodos prolongados fora de casa, o que pode criar obstáculos para aquelas com responsabilidades de cuidado. Sistemas de suporte ou políticas inadequadas para acomodar o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal podem afetar desproporcionalmente às cientistas mulheres (GIAKOUMI et al., 2021).



ACESSO A FINANCIAMENTO E RECURSOS

As cientistas mulheres podem enfrentar barreiras ao acessar financiamento de pesquisa e recursos para seu trabalho de campo transdisciplinar. Agências de financiamento e instituições podem inadvertidamente perpetuar disparidades de gênero ao conceder subsídios e recursos de forma mais favorável aos pesquisadores masculinos (GIAKOUMI et al., 2021; WITTEMAN et al., 2019).



VIÉS IMPLÍCITOS EM AMBIENTES DE COLABORAÇÃO

trabalho transdisciplinar e colaborativo geralmente envolve trabalho em equipe e colaboração interdisciplinar. No entanto, vieses implícitos podem influenciar a percepção e valorização das cientistas mulheres nessas colaborações. Dinâmicas de poder desiguais, participação limitada ou serem ignoradas nos processos de tomada de decisão podem prejudicar suas contribuições (GIAKOUMI et al., 2021).



ASSÉDIO E DISCRIMINAÇÃO BASEADOS EM GÊNERO

As cientistas mulheres podem vivenciar assédio, discriminação ou sexismo baseados em gênero durante o trabalho de campo. Isso pode variar desde abuso verbal e comentários depreciativos até exclusão de discussões importantes ou processos de tomada de decisão. Esse comportamento pode minar sua confiança, limitar suas oportunidades de avanço e criar ambientes de trabalho hostis.



RISCOS DE SEGURANÇA FÍSICA

O trabalho de campo frequentemente envolve atuar em ambientes remotos ou desafiadores, o que expõe os cientistas a riscos de segurança física. As mulheres podem enfrentar vulnerabilidades adicionais devido ao seu gênero, incluindo o risco de assédio sexual, agressão ou violência. Infraestrutura inadequada, falta de medidas de segurança e acesso limitado a instalações médicas podem agravar esses riscos.



BARREIRAS CULTURAIS E SOCIAIS

Realizar trabalho de campo em contextos culturais desconhecidos pode apresentar desafios para as cientistas mulheres. Elas podem encontrar normas culturais, costumes ou expectativas sociais que restrinjam seus movimentos, interações ou acesso a determinadas áreas. Barreiras linguísticas, mal-entendidos culturais e sistemas de apoio limitados podem dificultar o estabelecimento de relacionamentos com as comunidades locais e a navegação em contextos locais de forma eficaz.



Figura 1 Infográfico com os principais desafios identificados para a atuação das mulheres nas ciências do mar. *Elaboração:* Adriana Lippi (2023).

Avanços

Reconhecer e explicitar os desafios enfrentados pelas mulheres na ciência não significa desconsiderar os avanços já conquistados. Ao longo da história, diversas mulheres romperam barreiras e tabus, alcançando reconhecimento internacional e abrindo caminhos para outras gerações na carreira científica. A seguir, destacam-se algumas trajetórias inspiradoras que se tornaram referências no campo das ciências do mar:

Rachel Carson (1907–1964) – Uma das figuras mais notáveis da história das ciências do mar, Carson foi escritora e bióloga marinha, tendo se destacado sobretudo com a publicação do livro *Primavera Silenciosa (Silent Spring)*, que teve impacto decisivo na conscientização sobre os danos causados pelos pesticidas ao meio ambiente. Apesar da relevância de sua obra, enfrentou difamações e acusações que buscaram deslegitimar seu trabalho. Foi acusada de ser comunista e de atuar em articulação com o bloco soviético para prejudicar a agricultura e a economia dos Estados Unidos. Além disso, sofreu preconceitos por ser mulher, solteira, sem filhos, sem doutorado e por não ser considerada uma cientista empírica, fatores utilizados para desacreditar sua produção científica, que permanece como referência décadas após sua publicação (QUARANTIELLO, 2004; LEAR, 2009; WADDELL, 2000).

Eugenie Clark (1922–2015) – Conhecida como “Shark Lady” (a dama dos tubarões), Clark foi uma ictiologista pioneira e especialista em tubarões. Conduziu pesquisas inovadoras sobre a biologia e o comportamento dos elasmobrânquios, desafiando estereótipos de gênero e deixando um legado duradouro tanto na conservação quanto na divulgação científica sobre esses animais.

Lynn Margulis (1938–2011) – Pesquisadora renomada, Margulis questionou o neodarwinismo e desenvolveu o entendimento moderno da evolução a partir do mecanismo da simbiose. Assim como Rachel Carson, enfrentou críticas severas e tentativas de deslegitimação associadas ao machismo estrutural. Por um lado, foi ignorada por parte da comunidade científica; por outro, foi rotulada como radical e

ideológica, em um movimento de descrédito de seu trabalho. Após quinze tentativas, conseguiu publicar o artigo *On the Origin of Mitosing Cells*, que revolucionou a compreensão da evolução ao defender que ela ocorre não apenas por seleção natural, mas também por meio da simbiose e da cooperação entre organismos.

Sylvia Earle (1935–presente) – Conhecida como “Her Deepness” ou, segundo o *National Geographic*, como a “dama dos mares”, Earle foi a primeira mulher a ocupar o cargo de cientista-chefe da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica dos Estados Unidos (*National Oceanic and Atmospheric Administration* – NOAA). Também fundou a *Mission Blue*, uma iniciativa global voltada à proteção dos oceanos. Embora sua atuação não esteja explicitamente associada ao ativismo feminista, seu impacto nas ciências do mar representa a quebra de barreiras de gênero em um campo historicamente dominado por homens, contribuindo para ampliar o reconhecimento e a representatividade das mulheres na área.

Jane Lubchenco (1947–presente) – Ecologista marinha e cientista ambiental, Lubchenco destacou-se por suas pesquisas sobre ecossistemas costeiros e pela promoção da conservação marinha. Tornou-se a primeira mulher a ser nomeada administradora da NOAA dos Estados Unidos.

Marta Vannucci (1921–2021) – Considerada pioneira da oceanografia no Brasil, Vannucci foi pesquisadora e diretora do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. Durante sua gestão, promoveu marcos importantes, como a conclusão do primeiro navio brasileiro dedicado à pesquisa científica e a internacionalização da pós-graduação em oceanografia. Após deixar o Brasil durante o período da ditadura militar, passou a atuar na UNESCO, desenvolvendo pesquisas voltadas à conservação de manguezais. No âmbito da Sociedade Internacional de Ecossistemas de Manguezais, elaborou a *Carta dos Manguezais*, documento que serviu de referência para a construção da *Carta da Terra*, elaborada durante a Rio-92.

No cenário atual, muitas outras mulheres poderiam ser citadas como protagonistas de transformações no campo científico, desafiando

do paradigmas e superando — ou ainda enfrentando — o viés de gênero. Apesar dos avanços alcançados, a luta por maior representatividade, visibilidade e por ambientes de trabalho mais inclusivos e seguros permanece constante.

Políticas afirmativas

Desde, ao menos, o final da década de 1980, vêm sendo produzidos dados sobre a presença das mulheres nas ciências do mar, evidenciando tanto sua inserção quanto sua exclusão nesses espaços. Nowell e Hollister (1988) indicaram que cerca de 30% das pessoas vinculadas a instituições oceanográficas nos Estados Unidos da América eram mulheres, com variações entre 13% e 41%, percentual considerado elevado quando comparado a outras áreas científicas naquele período. Posteriormente, Gross (1989) identificou uma redução significativa da participação feminina após a conclusão do mestrado (*master's degree*), apontando fatores que atuavam como barreiras à permanência e progressão das mulheres na carreira científica, especialmente de natureza social (por exemplo, estereótipos e preconceitos), prática (como as demandas de cuidado com a família) e individual (a exemplo da limitação de redes de contato e *networking*).

Atualmente, a literatura evidencia um conjunto mais amplo e complexo de fatores que dificultam a equidade de gênero nas ciências do mar. Além dos aspectos sociais, práticos e individuais já identificados, destacam-se fatores institucionais, como a ausência de políticas de licença parental equitativas e a inexistência ou fragilidade de códigos de conduta, bem como fatores financeiros, incluindo desigualdades salariais e menor acesso a financiamentos quando comparadas aos homens. Shelmock et al. (2022) apresentam uma sistematização dessas barreiras e indicam políticas e ações institucionais capazes de contribuir para sua superação ou, ao menos, para sua minimização (Figura 2).

AÇÕES AFIRMATIVAS

MULHERES NAS CIÊNCIAS DO MAR

SOCIAIS

Aumentar o reconhecimento de mulheres seniores nas ciências, fortalecer as atividades de networking, apoio de amigos e familiares e ter aliados homens que apoiem as mulheres nas ciências do mar.



PRÁTICAS

Esquemas de mentoria, aumentar a visibilidade de mulheres cientistas, treinamentos de liderança e planejamento de carreira.



INSTITUCIONAIS

Implementação de políticas de diversidade, tornar o espaço amigável à família, aumentar a conscientização sobre questões de gênero, prover oportunidades de liderança para mulheres, oferecer apoio institucional e horas de trabalho flexíveis.



INDIVIDUAIS

Promover oportunidades para mulheres, ajudar com estratégias de pesquisa e adotar comportamentos mais assertivos.



FINANCEIRAS

Aumentar a oferta de financiamento para pesquisadoras.



Figura 2 Infográfico com as principais ações afirmativas para a atuação das mulheres nas ciências do mar. *Elaboração:* Adriana Lippi a partir de Shelmock et al. (2022).

Considerações finais

Ao longo deste capítulo, foi possível evidenciar a existência de mulheres notáveis e inspiradoras que superaram barreiras de gênero e se tornaram referências no campo das ciências do mar. No entanto, apesar desses avanços, permanece como uma necessidade contínua enfrentar e superar os desafios estruturais e o viés de gênero que ainda incidem sobre a atuação das mulheres nessa área.

Os dados disponíveis sobre assédio no ambiente de trabalho — não apenas nas ciências do mar, mas no campo científico de forma

mais ampla — tendem a ser subestimados. Nem sempre as vítimas reconhecem de imediato que sofreram assédio, uma vez que ele se manifesta para além de situações explicitamente associadas à conotação sexual. Além disso, a vítima pode demorar a compreender a gravidade da situação à qual foi submetida. Denunciar ou tornar público um episódio de assédio tampouco é, necessariamente, um caminho viável para todas as mulheres, considerando o medo de represálias institucionais, de danos à carreira acadêmica e de perseguições ainda mais intensas por parte do agressor.

O espaço de produção do conhecimento científico tem se mostrado, historicamente, um ambiente marcado por desigualdades de gênero. Há evidências consistentes de que as mulheres enfrentam barreiras estruturais associadas ao preconceito de gênero, não apenas nas ciências do mar, mas em diversas áreas do conhecimento. Em muitos casos, essas desigualdades não são devidamente reconhecidas ou visibilizadas no interior das instituições acadêmicas.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres no trabalho de campo fazem com que elas participem menos dessas atividades quando comparadas aos homens, muitas vezes por priorizarem sua segurança pessoal. Esses desafios tendem a se intensificar quando as mulheres se tornam mães, uma vez que, na maioria das situações, as responsabilidades de cuidado não são compartilhadas de forma igualitária com o parceiro. Como consequência, dispõem de menos tempo livre para se engajar na pesquisa científica, seja em atividades de campo, seja na produção de publicações acadêmicas. Estar em campo é fundamental para o pleno desenvolvimento da carreira científica e para a realização de pesquisas transdisciplinares; contudo, o simples fato de ser mulher frequentemente já coloca as cientistas em desvantagem desde o início da trajetória, exigindo esforços redobrados para alcançar uma aparente – e muitas vezes ilusória – equidade.

Como consequência direta das situações de assédio às quais muitas mulheres são submetidas, podem ocorrer redução da produtividade e do desempenho acadêmico, bem como maior rotatividade de pessoal. Esses efeitos desencadeiam outras barreiras, como menor autoria de publicações, maiores dificuldades para obtenção de financiamento e contratação e menores chances de promoção a cargos mais elevados.

As transformações no campo das ciências do mar são processos lentos e graduais. Programas de apoio às mulheres, como os promovidos pela *National Science Foundation* (NSF), começaram a apresentar resultados apenas cerca de cinco anos após sua implementação. O aumento na contratação de mulheres, por exemplo, levou aproximadamente doze anos para ser observado, e ainda é necessário avaliar se a retenção dessas profissionais será efetivamente garantida ao longo do tempo. Enquanto esses desafios não forem devidamente apresentados, debatidos e considerados, o ambiente acadêmico continuará falhando em reduzir desigualdades, promover a equidade e viabilizar a inclusão. Nesse sentido, profissionais das ciências do mar podem desempenhar um papel fundamental na transformação da cultura e das práticas científicas, especialmente no âmbito das pesquisas transdisciplinares.

Referências Bibliográficas

AARONS, Sarah et al. **Ad hoc task force on space allocation**. [S. l.]: Scripps Institution of Oceanography, 17 jan. 2023. Disponível em: <https://diversity.ucsd.edu/accountability/2023-01-18-SIO-space-allocation-report-edits.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2023.

BARBERCHECK, Mary. The glass ceiling and the crystal labyrinth: women's work in fisheries biology. **Human Organization**, Arlington, v. 60, n. 4, p. 381–392, 2001.

BIROLO, Fabiana Vieira. Gênero e patriarcado: articulações conceituais e contextos de desigualdades. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 389–413, 2018.

CLANCY, Kathryn; NELSON, Robin G.; RUTHERFORD, Julienne N.; HINDE, Katie. Survey of academic field experiences (SAFE): trainees report harassment and assault. **PLoS One**, v. 9, e102172, 2014. DOI: 10.1371/journal.pone.0102172.

FREIBURGER, Brett. Roberta Eike: the stowaway who made waves for women scientists today. **Woods Hole Oceanographic Institution**, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://web.whoi.edu/womens-comm/roberta-eike/>. Acesso em: 13 jul. 2023.

GROSS, Mary Frank Fox. **Women in science: a report on barriers to progress**. Washington, DC: American Association for the Advancement of Science, 1989.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral: a violência perversa no cotidiano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HORWITZ, Sherrie. The glass escalator: hidden advantages for men in the “female” professions. **Social Problems**, v. 39, n. 3, p. 253–267, 1987.

JOHNSON, Paula A.; WIDNALL, Sheila E.; BENYA, Frazier F. **Sexual harassment of women: climate, culture, and consequences in academic sciences, engineering, and medicine**. Washington, DC: National Academies Press, 2018.

KOVALESKI, Joana L.; TORTARO, Ursula; CARVALHO, Luiza C. **Mulheres na ciência: barreiras e conquistas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013.

LEAR, Linda. **Rachel Carson: witness for nature**. New York: Henry Holt, 2009.

LIMA, Maria Betânia. O labirinto de cristal: desafios e perspectivas para as mulheres na ciência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 521–538, 2013.

MARCOLIN, Catarina et al. Situações de assédio em mulheres embarcadas. **Bate-papo com Netuno**, 28 maio 2020. Disponível em: <https://www.batepapocomnetuno.com/post/situa%C3%A7%C3%B5es-de-ass%C3%A9dio-em-mulheres-embarcadas>. Acesso em: 4 jul. 2023.

MPT – MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. **Assédio moral e sexual no ambiente de trabalho: cartilha explicativa**. Brasília, 2017.

NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING AND MEDICINE. **Sexual harassment of women: climate, culture, and consequences in academic sciences, engineering, and medicine**. Washington, DC: National Academies Press, 2018.

NOWELL, Ann R.; HOLLISTER, Charles D. **Women in oceanography: a summary of surveys conducted by the Joint Oceanographic Institutions**. Woods Hole, MA: Woods Hole Oceanographic Institution, 1988.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Diretrizes da OIT sobre a violência e o assédio no mundo do trabalho**. Genebra, 2019.

ONU BRASIL. **Objetivo 5: Igualdade de gênero**. Agenda 2030, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: jul. 2023.

PISCITELLI, Aparecida. Gênero, patriarcado e cidadania. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 32, p. 127–152, 2009.

PURDIE-VAUGHNS, Valerie; EIBACH, Richard P. Intersectional invisibility: the distinctive advantages and disadvantages of multiple subordinate-group

identities. **Sex Roles**, v. 59, p. 377–391, 2008. DOI: 10.1007/s11199-008-9424-4.

QUARANTIELLO, Andrea Maria. Retratos do ambientalismo: uma leitura de **Primavera Silenciosa** de Rachel Carson. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 7., 2004, Vitória. **Anais...** Vitória, 2004. Acesso em: 3 jul. 2023.

SHELLOCK, Rebecca J. et al. Breaking down barriers: the identification of actions to promote gender equality in interdisciplinary marine research institutions. **One Earth**, v. 5, n. 6, p. 623–637, jun. 2022. DOI: 10.1016/j.oneear.2022.05.006.

WADDELL, Cynthia. **Rachel Carson: writer and environmentalist**. Connecticut: Chelsea House, 2000.

WOMEN IN OCEAN SCIENCE. **Sexual harassment in marine science**. Disponível em: <https://www.womeninoceanscience.com>. Acesso em: jul. 2023.

